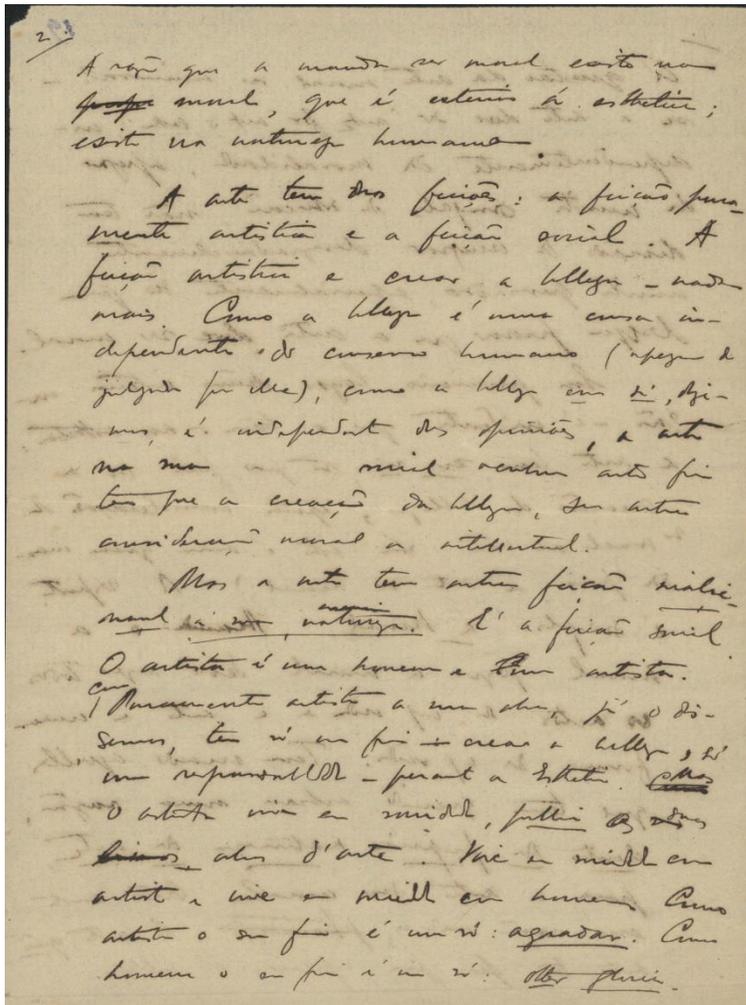


A questão da arte moral ou immoral - se a arte deve ser "art for art's sake", independentemente da moralidade, apesar de muito simples de solução, não tem deixado de ocupar desagradavelmente muito pensador, especialmente dos que desejam provar que a arte deve ser moral.

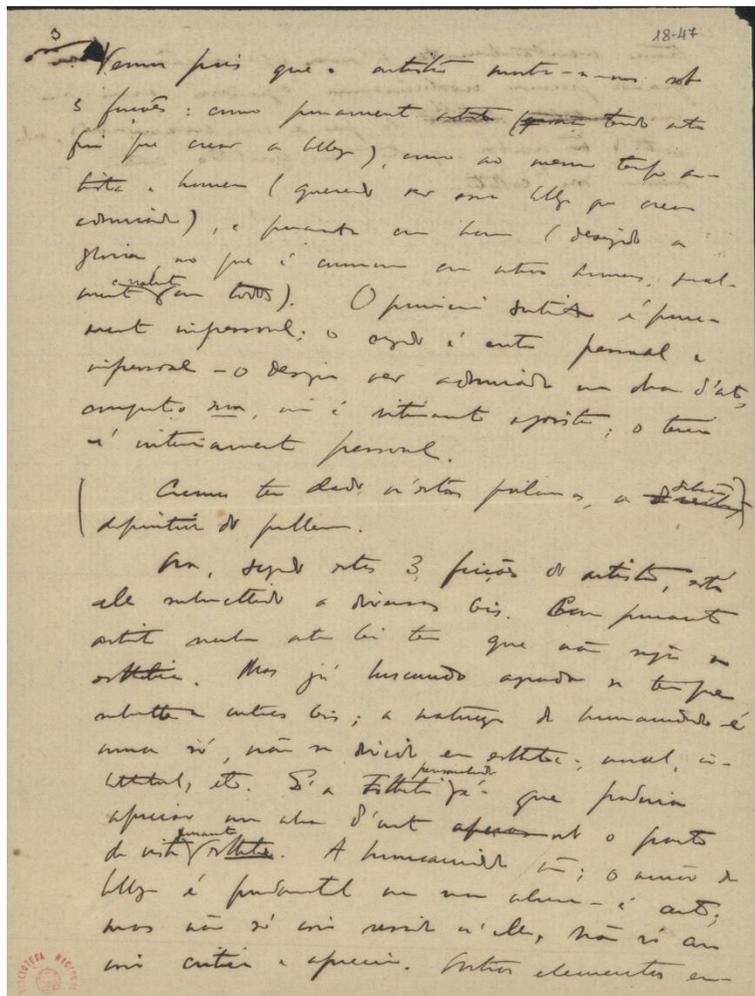
Em primeiro lugar demos inteira razão - é evidente que a tem - aos esthetas, a arte tem, em si, só por fim só a criação de belleza, aparte considerações de ser moral ou não. Se isto é assim quem manda pois á arte ser moral? A resposta é simples: a moral. Manda-o a moral porque a moral deve reger todos os actos da nossa vida e a arte é uma forma da nossa vida. Tem errado aquelles que tem querido achar uma razão, dentro da propria natureza da arte, para a arte ser moral. Não existe essa razão onde a procurarão procuraram. A arte, quã arte, tem por fim apenas a belleza.



A razão que a manda ser moral existe na ~~propria~~ moral, que é exterior á esthetica; existe na natureza humana.

A arte tem duas feições: a feição puramente artistica e a feição social. A feição artistica é crear a belleza - nada mais. Como a belleza é uma cousa independente do consenso humano (apezar de julgada por elle), como a belleza em si, digamos, é independente de opiniões, a arte na sua {...} social nenhum outro fim tem que a criação da belleza, sem outra consideração moral ou intellectual.

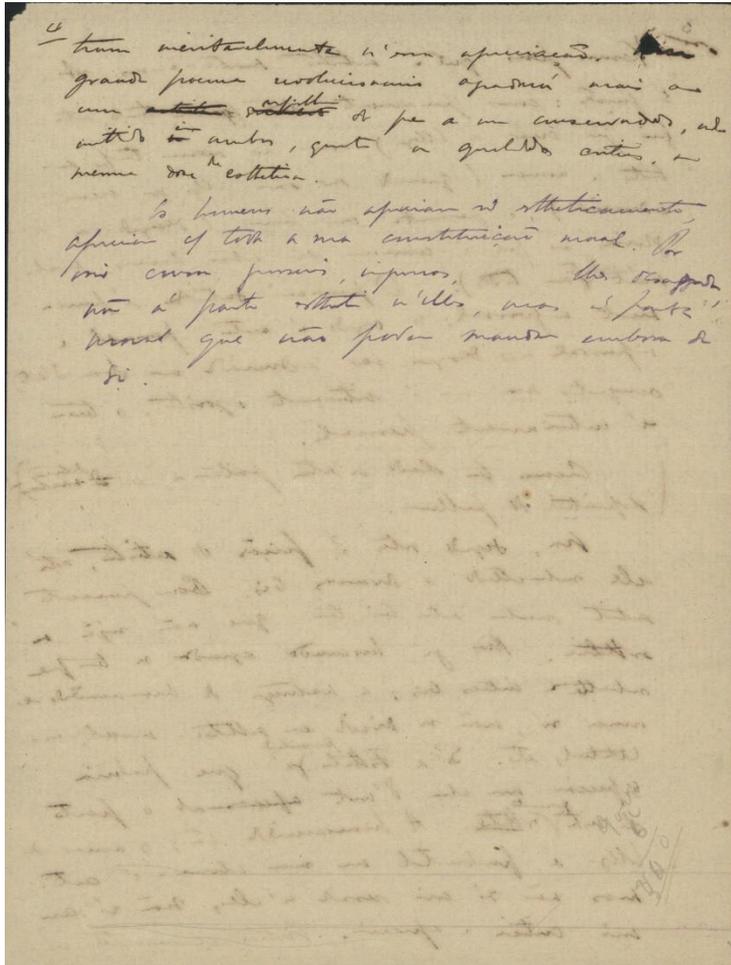
Mas a arte tem outra feição |inalienavel á sua natureza /maneira|. É a feição social. O artista é um homem e um artista. Como puramente artista a sua obra, já o dissermos, tem só por fim - crear a belleza, só uma responsabilidade - perante a Esthetica. ~~Como~~ Mas o artista vive em sociedade, publica as seus ~~livros~~, suas obras d'arte. Vive em sociedade como artista e vive em sociedade como homem. Como artista o seu fim é um só: agradar. Como homem o seu fim é um só: obter gloria.



Vemos pois que o artista mostra-se-nos sob 3 feições: como puramente artista (que não tendo outro fim que crear a belleza), como ao mesmo tempo artista e homem (querendo ver essa belleza que creou admirada), e puramente como homem (desejando a gloria, no que é commum aos outros homens, geralmente e realmente em todos). O primeiro sentimento é puramente impessoal; o segundo é entre pessoal e impessoal - o desejar ver admirada uma obra d'arte, comquanto sua, não é inteiramente egoista; o terceiro é inteiramente pessoal.

|Cremos ter dado, n'estas palavras, a ~~de resto~~ solução definitiva do problema. |

Ora, segundo estas 3 feições do artista, está elle submetido a diversas leis. Como puramente artista nenhuma outra lei tem que não seguir a esthetica. Mas já buscando agradar se tem que submeter a outras leis; a natureza da humanidade é uma só, não se divide em esthetica, moral, intellectual, etc. Só a Esthetica personalisada é que poderia apreciar uma obra d'arte apenas sob o ponto de vista puramente esthetico. A humanidade não; o amor da belleza é fundamental na sua alma - é arte; mas não só isso reside n'ella, não só com isso critica e aprecia. Outros elementos en-



tram inevitavelmente n'essa apreciação. Um grande poema revolucionario agradecerá mais a um artista socialista republicano do que a um conservador, admitindo ~~ne~~ em ambos, quanto a qualidades criticas, a mesma dose de esthetica.

Os homens não apreciam só estheticamente, apreciam com toda a sua constituição moral. Por isso cousas grosseiras impuras, {...} lhes desagradam, não á parte esthetica n'elles, mas á parte moral que não podem mandar embora de si.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).